



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
INSTITUTO DOS TRÓPICOS ÚMIDOS – IETU
PROGRAMA DE PÓSGRADUAÇÃO EM ENSINO DE HISTÓRIA – PROFHISTÓRIA

PRODUZIDO POR: JAKELINE BARBOSA DA SILVA
ORIENTADORA: DR^a KARLA LEANDRO RASCKE

PRODUTO EDUCACIONAL: SEQUÊNCIA DIDÁTICA

OFICINA IMAGÉTICA: CONHECENDO O CANDOMBLÉ DE KETU E SEUS ORIXÁS



Xinguara-PA
2025



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ (UNIFESSPA)
INSTITUTO DOS TRÓPICOS ÚMIDOS – IETU
MESTRADO PROFISSIONAL EM HISTÓRIA - PROFHISTÓRIA

JAKELINE BARBOSA DA SILVA

OFICINA IMAGÉTICA: CONHECENDO O CANDOMBLÉ DE
KETU E SEUS ORIXÁS

Xinguara-PA
2025



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Centro de Biblioteca Universitária

S5860 Silva, Jakeline Barbosa da
Oficina Imagética: Conhecendo o Candomblé de Ketu e
Seus Orixás: Produto Educacional: Sequência Didática /
Jakeline Barbosa da Silva. – 2025.

Orientador(a): Karla Leandro Rascke.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Sul
e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Xinguara,
Instituto de Estudos do Trópico Úmido, Programa de Pós-
Graduação Profissional em Ensino de História, Xinguara,
2025.

1. Ensino de História. 2. Candomblé de Ketu. 3.
Orixás. 4. Produto Educacional. 5. Sequência Didática.
I. Rascke, Karla Leandro, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 907

Gerada automaticamente pelo módulo Ficha Fácil, conforme os dados
fornecidos pelos(as) autores(as).



DESCRIÇÃO TÉCNICA

Origem do produto: Dissertação de Mestrado denominada “A Produção Imagética do Candomblé de Ketu na Obra de Pierre Verger no Combate à Intolerância e ao Racismo Religioso no Ensino de História na Amazônia Paraense”

Área de conhecimento: História.

Público-alvo: Docentes atuantes do ensino fundamental, em especial das áreas de História e Ensino Religioso.

Finalidade: Auxiliar os docentes com contribuições teórico-metodológicas para a disciplina de História no ensino fundamental.

Categoria: Sequência Didática.

Autora: Jakeline Barbosa da Silva.

Orientadora: Karla Leandro Rascke.

Revisão: Jakeline Barbosa da Silva e Karla Leandro Rascke.

Editoração, ilustração e diagramação eletrônica: Jakeline Barbosa da Silva

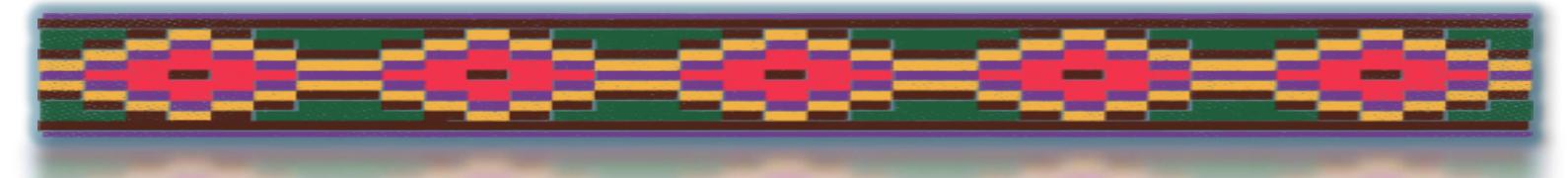
Disponibilidade: Irrestrita, preservando os direitos autorais e a proibição de uso comercial do produto.

Idioma: Português.

Instituição envolvida: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Cidade: Xinguara - Pará.

País: Brasil.





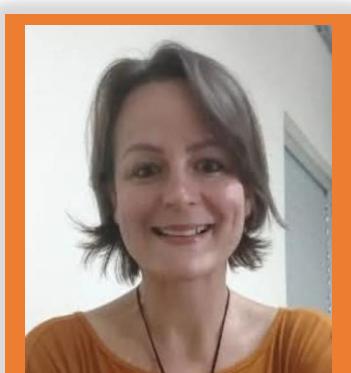
AUTORA



Jakeline Barbosa da Silva

Docente na Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul e na Escola Estadual de Ensino Médio José Luís Martins, ambas no município de Água Azul do Norte-PA. Graduada em História pela Universidade Estadual Vale Do Acaraú (2007). Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário Faveni (2022). Graduada em Farmácia pela Universidade Norte do Paraná - UNOPAR (2023). Especialista em Filosofia, Sociologia e História da Ciência pela Faculdade Integrada de Araguatins (2015). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Ensino de História pela Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA - Campus Xinguara.

ORIENTADORA



Karla Leandro Rascke

Docente na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), nos cursos de Graduação e de Pós-Graduação em História (PPGHIST e ProfHistória). Possui Doutorado em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP, 2018), Mestrado em História Social pela PUC-SP (2013) e Graduação (Licenciatura e Bacharelado) em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2009). Foi Editora da Revista Escritas do Tempo (2019-2022). Presidiu a Comissão Permanente para Diversidade, Heteroidentificação e Etnicidade da UNIFESSPA (2020-2023). Atuou na Coordenadoria de Apoio à Diversidade Étnico-Racial (CADER) do Núcleo de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade da UNIFESSPA (2021-2023). Atualmente está na Coordenação Geral do NUADE-UNIFESSPA. Atuou na Coordenação Institucional do PARFOR-UNIFESSPA (2022-2023). Atua como colaboradora no Programa Iniciativa para a Erradicação do Racismo na Educação Superior pela Cátedra UNESCO Educação Superior e Povos Indígenas e Afrodescendentes na América Latina. É pesquisadora associada ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da Universidade do Estado de Santa Catarina (NEAB-UDESC). Integra o Grupo de Pesquisa Gênero, Raça, Estudos Amazônicos e Linguagens (GReal-UNIFESSPA) e a Equipe do Programa Educação para a Diversidade da UNIFESSPA. Sócia efetiva da Associação Nacional de História (ANPUH), da Associação Brasileira de História Oral (ABHO), da Associação Brasileira de Pesquisa de Ensino de História (ABEH) e da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN). Integra o Grupo de Mulheres Carolinas Leitoras. Foi tesoureira na ANPUH - seção Pará (biênio 2021-2022). Tem experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil, da África e da Diáspora, atuando principalmente nos seguintes temas: história, populações de origem africana, irmandades negras, associações negras, relações étnico-raciais e ensino de História, ações afirmativas e diversidade.



SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	5
2. INTRODUÇÃO	6
3. OS ORIXÁS DO CANDOMBLÉ DE KETU	8
4. metodologia	14
5. OFICINAS REALIZADAS	15
1 ^a Oficina	15
2 ^a Oficina	16
3 ^a Oficina	18
4 ^a Oficina	19
5 ^a Oficina	22
6 ^a Oficina	23
7 ^a Oficina	24
8 ^a Oficina	35
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS	38



1. APRESENTAÇÃO

Esse Produto Educacional, intitulado “Oficina Imagética: Conhecendo o Candomblé de Ketu e Seus Orixás”, foi desenvolvido em formato de Sequência Didática (SD) e faz parte da pesquisa “A Produção Imagética do Candomblé de Ketu na Obra de Pierre Verger no Combate à Intolerância e ao Racismo Religioso no Ensino de História na Amazônia Paraense”, realizada no Curso de Mestrado Profissional em Ensino de História - PROFHISTÓRIA, referente a linha de Pesquisa Saberes Históricos no Espaço Escolar, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Xinguara - PA.

Essa Sequência Didática foi desenvolvida e aplicada no primeiro semestre do ano de 2024 com a turma do 9º Ano “A” da Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul, situada na cidade de Água Azul do Norte, no estado do Pará. Esse Produto Educacional visa apresentar contribuições teórico-metodológicas para a Disciplina de História no ensino fundamental e assim, colaborar com as práticas educativas dos professores, buscando aproximar os estudantes dos aspectos culturais africanos e afro-brasileiros que fazem parte da formação da sociedade brasileira, a fim de possibilitar momentos de reflexão sobre a intolerância e o racismo religioso ainda persistente para com as religiões de matrizes africanas.



2. INTRODUÇÃO

A sala de aula é um espaço em que vários grupos sociais convivem. Para que este espaço funcione e seja possível a solução de conflitos, é preciso praticar o acolhimento das diferenças e discutir, segundo Oliveira (2024, p. 26), “os repertórios culturais historicamente privilegiados, tendo em vista que expressões religiosas e culturais tidas como não cristãs foram perseguidas e ainda continuam sendo objeto de violência e preconceito fora e dentro do ambiente escolar”.

Dessa forma, o desenvolvimento de atividades que valorizam a cultura afro-brasileira e africana na sala de aula tem contribuído para combater o racismo, fortalecer as identidades e promover a igualdade, procurando desconstruir estereótipos e promover um ambiente de mais inclusão que valoriza e reconhece a diversidade. Além disso, o desenvolvimento de atividades voltadas para essa temática é garantido pela Lei Federal nº 10.639/2003, que torna obrigatória a inclusão desse tema nos currículos escolares do Brasil, conforme o artigo 26 –A, parágrafo 2º: “os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar” (BRASIL, 2003).

Assim, é importante elencar que a inclusão da história e da cultura africana e afro-brasileira na disciplina de História é uma forma de contribuir para uma educação antirracista dentro de nossa sociedade e por isso, mesmo sabendo da complexidade de abordar esse tema em sala de aula, ele se faz necessário.

No entanto, Araújo (2017) alerta que mesmo com a imposição da lei, ela não tem sido implementada satisfatoriamente e essa desvantagem é causada pelo racismo, intolerância e, muitas vezes, incompetência, tanto da escola quanto de seus agentes. Além disso, quando se pretende trabalhar com elementos que fazem referência às religiosidades africanas na escola, o tema torna-se motivo de alvoroço e acaba gerando grandes conflitos dentro das escolas. Dessa forma, pode-se dizer que produzir uma educação antirracista nas escolas é desafiador, mesmo tendo diretrizes e normas legislativas que nos proporcionam total respaldo.

Ainda que tenhamos desafios, caros professores e professoras, este caderno tem como objetivo apresentar uma sequência didática que auxilie nossa jornada pela compreensão de um tema de extrema relevância e complexidade para o ensino de História: a intolerância e o racismo religioso direcionados às religiões de matrizes africanas, especificamente o candomblé de Ketu.

Segundo Zabala, (1998, p.18) a sequência didática é compreendida como sendo “um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais que têm um princípio e um fim conhecido tanto pelos professores como

pelos alunos”.

Nesse sentido, a sequência didática é um instrumento importante para o ensino de História porque aponta caminhos estruturados para o aprendizado, evitando a dispersão e facilitando a compreensão dos alunos. Portanto, uma sequência didática garante que os conteúdos possam ser apresentados de forma sistematizada e interligada, promovendo a participação dos alunos, o incentivo a pesquisa e a análise reflexiva do conteúdo abordado.

Assim, a sequência didática “Oficina Imagética: Conhecendo o Candomblé de Ketu e Seus Orixás”, além de contribuir para a implementação da Lei Federal 10.639 de 2003, ouve as vozes que ecoam dos povos de terreiro e a sua religiosidade que é discriminada, esquecida e apagada nos espaços educacionais. Desse modo, a sequência didática pode ser usada como um material de apoio para o ensino de História, capaz de sugerir caminhos para professores interessados em trabalhar com a temática proposta.

O produto educacional, que culminou na construção dessa sequência didática, fez parte das atividades desenvolvidas em oficinas pedagógicas que tiveram como objetivo construir, ao final dos trabalhos, uma exposição dos orixás do candomblé de Ketu através das fotografias de Pierre Verger, em que foi apresentado ao público da escola os orixás e os elementos que conectam os universos da natureza humana com as divindades.

Convido-os a conhecer as atividades desenvolvidas nas oficinas pedagógicas com o intuito de discutir a intolerância e o racismo religioso com as religiões de matrizes africanas, trazendo à tona aspectos da religiosidade através das lentes do fotógrafo Pierre Verger. Enfatizamos que essa sequência didática, embora tenha sido desenvolvida em uma turma de 9º Ano, pode ser replicada em outras turmas do ensino básico, desde que seja adaptada conforme a organização curricular da instituição escolar.



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

3. OS ORIXÁS DO CANDOMBLÉ DE KETU

Para os povos iorubás e os seguidores do candomblé de Ketu, os orixás são divindades ou deuses que receberam a incumbência de criar e governa o mundo. Existem diversos orixás que são cultuados no Brasil, sendo que os mais cultuados são: Exu, Yansã, Yemanja, Nanã, Ogum, Xangô, Oxóssi, Obaluaiê e Oxalá que é o pai supremo, que separa o mundo material do mundo espiritual e possui o poder de governar a vida e a morte. Cada orixá possui suas próprias características.



Segundo Barcellos (2002), Exu em iorubá significa “esfera”, aquilo que é infinito, que não tem começo nem fim. Exu é um dos orixás mais cultuados pelas religiões de matrizes africanas. No candomblé de Ketu ele é uma personalização dos fenômenos naturais que não incorporam, sendo uma das entidades mais complexas do panteão africano e, entre os orixás, ele é o mais humano, é o senhor da transformação, é o ego de cada ser humano. Por outro lado, segundo Barcellos (2002, p. 48), ele é a “abertura de todos os caminhos e a saída de todos os problemas”. É a indignação e a resignação. É a confusão dos conceitos básicos. Aquele que ludibriia, engana, confunde; mas também ajuda, dá caminhos, soluciona”.

Os seguidores do candomblé de Ketu acreditam que as pessoas que cultuam esse orixá são inteligentes, como afirma Carybé (1951, p. 40), as “pessoas que têm a arte de inspirar confiança e dela abusar, mas que apresentam, em contrapartida, a faculdade de inteligente compreensão dos problemas dos outros e a de dar ponderados conselhos, com tanto mais zelo quanto maior a recompensa esperada.”



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

Iansã foi uma deusa que percorreu vários reinos em busca da sabedoria de outros orixás. Usando da ampla capacidade de despertar suas paixões, ela aprendeu muitas habilidades que pertenciam a outros orixás. Em alguns lugares ela é conhecida como Oyá. Segundo Parizi (2020), Oyá pode ser descrita como o mais dinâmico dos orixás femininos: usa vermelho, lembrando sua ligação com a fertilidade e o sangue menstrual das Iyabás.

9

Iansã é a deusa do raio, do vento e da tempestade. Orixá guerreira que leva a alma dos mortos para outro mundo. Ela é uma entidade feminista, seu povo é sábio, falador, barulhento, corajoso. Segundo Carybé, (1951, p. 59), Iansã é a divindade dos ventos, das tempestades e do rio Níger que, em iorubá, chama-se Odò Oya. Foi a primeira mulher de Xangô e tinha um temperamento ardente e impetuoso. Barcellos (2002, p. 71-72) caracteriza-a como “deusa da espada de fogo, dona das paixões, rainha dos raios, dos ciclones, tufões, vendavais, orixá do fogo, guerreira e poderosa”.

Outro orixá importante para o candomblé de Ketu é Iemanjá, considerada a deusa dos rios, dos mares e dos oceanos. Ela é a mãe de muitos orixás e seus filhos geralmente são bons pais. Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas. Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se, de preferência, de azul-claro. Fazem-lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola. Ela ainda está associada às causas da fertilidade feminina e do amor.



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

Já Ogum é o deus da guerra, do aço, da metalurgia e da tecnologia. É o orixá que tem o poder de abrir uma trilha que facilita a viagem e o progresso na vida. Os estereótipos sugerem que os filhos de Ogum são teimosos, entusiasmados e possuem certa indiferença racional. Além disso, Carybé (1951, p. 46) elenca que Ogum é também o primeiro a ser saudado depois que Exú é despachado. Quando Ogum se manifesta no corpo em transe de seus iniciados, dança com ar marcial, agitando sua espada e procurando um adversário para golpear.

A orixá Nanã é uma divindade antiga e muito forte. É considerada a deusa da chuva e da terra, seus poderes emanam do barro e da argila. É do barro que sai de Nanã, que são criados os homens com sua perfeição e sua imperfeição. Nanã possui características peculiares, pois é considerada um orixá de personalidade forte, ranzinza e que amedronta os homens. Góis afirma que:

Nanã é o Orixá relacionado aos mistérios, sobretudo ao mistério da vida. É uma divindade de origem simultânea à criação do mundo, pois quando Odudua separou a água parada, que já existia, e liberou do “saco da criação” a terra, no ponto de contacto desses dois elementos formou-se a lama dos pântanos, local onde se encontram os maiores fundamentos de Nana. Senhora de muitos búzios, Nana sintetiza em si morte, fecundidade e riqueza. O seu nome designa pessoas idosas e respeitáveis e, para os povos Jeje, da região do antigo Daomé, significa “mãe”. (GÓIS, 2013, p. 348).



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

Por ser considerada a orixá mais velha entre os orixás, ela representa a memória ancestral. Dessa forma, apesar de ser a mãe dos orixás Iroko, Obaluaiê e Oxumaré, ela é reverenciada como mãe ou avó de todos os outros orixás. Para Sonnewend et al, (2016, p 9-10), “Nanã é constantemente associada à senilidade e à velhice, período em que muitas pessoas tomadas pela idade, começam a se esquecer do vivenciado ao longo da vida”. Quando se manifesta nas cerimônias ritualísticas, Nanã tem um andar lento e vagaroso, que a caracteriza como velha.

Xangô é conhecido como símbolo de justiça, raio, trovão e fogo. Ele é o rei da cidade de Oiô e não poupava esforços para conquistar mais territórios para seu reino. Além disso, Xangô tratava seus súditos com respeito e justiça. Carybé (1951) caracteriza Xangô como sendo

o orixá que possui um elevado sentido da sua própria dignidade e das suas obrigações, o que o leva a se comportar com um misto de severidade e benevolência, mas sabendo aguardar, geralmente, um profundo e constante sentimento de justiça.

Xangô é filho de Oxalá com Iemanjá e, é conhecido como aquele que possui iniciativa, articulação e no mundo considerado injusto, ele representa a justiça, por isso, ele ganhou prestígio e respeito dentro do candomblé, principalmente pelas pessoas consideradas injustiçadas. Prandi e Vallado (2010) elucidam que Xangô é o grande patrono e protetor do candomblé de Ketu, além de proteger aqueles que se sentem de algum modo injustiçados.

O orixá Obaluaiê como é conhecido em todo o país, é o senhor da terra, o orixá da cura, da saúde e da doença. Obaluaiê está associado a diversas doenças corporais e seus respectivos tratamentos. Segundo Prandi (1996), “Obaluaiê ou Omolu é o deus da varíola, das pragas e doenças. Está relacionado com todo o tipo de mal físico e suas curas. Associado aos cemitérios, solos e subsolos”. Esse orixá está inherentemente associado à terra quente, seca e rígida, ao contrário de sua mãe Nanã, que está ligada à terra úmida.



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

Segundo Barcellos (2002), Obaluaiê nasceu com feridas por todo o corpo e foi abandonado na praia por sua mãe, Nanã. No acidente, um caranguejo causou sérios danos à sua pele. Iemanjá encontrou a criança e a criou; ela curou suas feridas utilizando folhas de bananeira. Depois desse episódio Obaluaiê se tornou um grande guerreiro que se cobria com palhas (ikó) devido ter se tornado um ser brilhante como o sol, porém, muitos acreditavam que ele cobria seu corpo com palhas para mascarar suas enfermidades.

Nas festas de candomblé de Ketu, quando acontece o transe, ou seja, a incorporação dos orixás, as iaôs de Obaluaiê dançam revestidos de palha e em suas cabeças há um capuz de palha, onde as franjas feitas de palhas cobrem seu rosto. Carybé (195, p. 80) destaca que as iaôs de Obaluaiê “aparecem com as pernas cobertas por calças de renda e, na altura da cintura, mãos brandindo um xaxará, espécie de vassoura feita de nervuras de folhas de palmeira, decorada com búzios, contas e pequenas cabaças que se supõem conter



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

remédios”.



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

Já Oxum é um orixá das águas doces que representa a sabedoria e a força das mulheres. Ela é vista como a deusa do ouro e do jogo de búzios. Ela é a deusa do continente africano, mais especificamente do rio Oxum no sudoeste da Nigéria e, é muito cultuada no candomblé de Ketu. Oxum é a segunda esposa de Xangô, considerada muito elegante por gostar de muitas joias e perfumes, roupas e adereços. Além disso, Oxum representa a deusa da beleza, a deusa do amor, da fertilidade e da maternidade, responsável pela proteção dos fetos e recém-nascidos, e é cultuada pelas mulheres que desejam engravidar.

12

Oxalá é o orixá masculino, de descendência iorubá (nagô), amplamente cultuado no Brasil, onde é considerado o deus mais importante do panteão africano. Na África, ele é chamado de Obatalá. No entanto, por conta da diáspora africana para o Brasil, além do nome do orixá, trouxeram também outra forma de se referir a ele, Orixalá, que significa, orixá dos orixás, que popularmente passou a ser chamado de Oxalá.

O orixá Oxalá é o deus da criação e se apresenta de duas formas distintas, Oxalufã, que é o orixá da criação, filho de Olorum, o deus supremo. Oxalufã é Oxalá na grandeza de sua velhice. Por outro lado, existe Oxaguiã, que configura outro aspecto de Oxalá, isto é, Oxaguiã é Oxalá no seu esplendor de homem jovem, é o orixá guerreiro. Segundo Prandi (2009, p. 54), oxalá é o Grande Orixá, o Grande Pai, criador do homem e da mulher, ocupa o lugar mais elevado do panteão do candomblé de Ketu. É reverenciado pelos seres humanos e pelos demais orixás, que lhe devotam grande respeito.



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

Nas cerimônias ritualísticas, oxalá é reverenciado pelos demais orixás e, segundo Prandi (1996), quando se revela no transe, o velho Oxalufã se apresenta cansado e encurvado, movendo-se vagarosamente, quase incapaz de dançar, diferente do jovem Oxaguiã que se apresenta dançando rápido como o guerreiro.

Obá é outro orixá relacionada à água, guerreira, não muito feminina. Suas roupas eram vermelhas e brancas, e ela carregava um escudo, uma espada e uma coroa de bronze. Ela é muito poderosa e em época de guerra desafiava até os homens para lutar. Obá é a terceira esposa



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

de Xangô e a mais velha. Obá repugnava Oxum (segunda esposa de Xangô), que em uma de suas proezas fez com que Obá cortasse sua orelha e colocasse na comida de Xangô para que pudesse despertar o amor de Xangô. Nos terreiros de candomblé de Ketu, onde Obá se manifesta, seus devotos dançam com a mão ou um pano cobrindo uma orelha. Em seu arquétipo, os que pertencem a este orixá são muito zelosos e determinados a alcançar seus ideais.

Oxóssi é o deus da caça, protetor das florestas, sincretizado com São Jorge e São Sebastião. Sua importância deve-se a diversos fatores, segundo Verger (1981) O primeiro é de ordem material, pois, como Ogum, ele protege os caçadores, torna suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante. O segundo é de ordem médica, pois os caçadores passam grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato frequente com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, e aprendem com ele parte do seu saber. O terceiro é de ordem social, pois normalmente é um caçador que, durante suas expedições, descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça ou de um vilarejo. Torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra (onilé), com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente. O quarto é de ordem administrativa e policial, pois antigamente os caçadores (ode) eram únicos a possuir armas no vilarejo, servindo também de guardas-noturnos.

Carybé (1951), afirma que o culto a Oxóssi é comum no Brasil, mas foi esquecido na África. Oxóssi teria sido cultuado basicamente em Ketu, onde recebeu o título de rei e por isso, é um dos Orixá de maior prestígio e muito popular dentro dos terreiros de candomblé no Brasil



Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.



4. METODOLOGIA

O produto educacional “Oficina Imagética: Conhecendo o Candomblé de Ketu e Seus Orixás” segue uma metodologia diversificada, dado utilizar uma variedade de estratégias e recursos para deixar o aprendizado dos alunos mais eficaz e interessante. Dessa forma, a metodologia do produto educacional incluiu leituras, elaboração de banners e panfletos, interpretação de imagens, trabalhos em equipe e apresentação oral, além de diferentes métodos de ensino, como aulas expositivas e atividades utilizando sites de busca e pesquisa. As diferentes metodologias utilizadas nas oficinas buscaram oferecer aos alunos diferentes oportunidades de aprender e demonstrar o que aprenderam, levando em consideração seus estilos de aprendizagem e suas habilidades.

A proposta da Sequência Didática foi baseada no conceito de Zabala (1998), que entende a Sequência Didática como atividades organizadas que possuem três critérios de relevância para sua construção. Dentre os critérios abordados por Zabala estão o planejamento, a aplicação e a avaliação. Esses critérios são priorizados na sequência didática no intuito de fazer com que o estudante participe de diferentes atividades que foram devidamente programadas.

Portanto, essa Sequência Didática foi elaborada e aplicada em oito oficinas, distribuídas em 24 aulas de 50 minutos cada. A última oficina foi destinada à organização da exposição imagética do candomblé de Ketu, a partir das fotografias de Pierre Verger e apresentação das atividades desenvolvidas pelos alunos durante as oficinas realizadas. A seguir apresento as ações realizadas nas oficinas.

5. OFICINAS REALIZADAS

1ª Oficina

Tema: Diagnóstico da turma

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Competência:

- * Desenvolver o senso de pertencimento.
- * Promover o autoconhecimento e o reconhecimento das individualidades.

Objetivo:

- * Aplicar um questionário diagnóstico para traçar o perfil da turma.
- * Analisar as respostas do questionário para compreender como os alunos se identificam.

Habilidades:

- * Análise de dados e informações.

Material Didático:

- * Questionário impresso.
- * Canetas ou lápis.
- * Quadro branco.

Recursos:

- * Sala de aula.

Procedimentos:

Apresentei o plano da oficina, explicando o objetivo do questionário e a importância da participação de todos. Em seguida, distribuí os questionários impressos e expliquei cada uma das perguntas, garantindo que todos os alunos compreendessem o que estava sendo perguntado.

Após a coleta dos questionários, analisei as respostas individualmente, buscando informações relevantes para conhecer a turma.

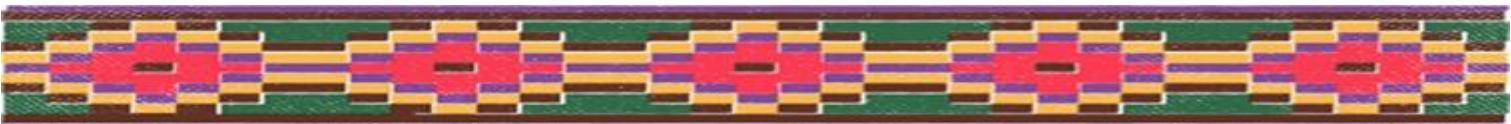
MATERIAL APLICADO

QUESTIONÁRIO APLICADO AO ALUNO

1. Com relação à sua etnia, como você se classifica?

Negro Índio Branco Outros: _____

2. Qual conteúdo (ou quais conteúdos) você mais gostou de aprender nas aulas de História? E



nas aulas de Ensino Religioso?

3. Você considera importante conhecer a História da população negra do nosso país? Por quê?

4. Durante toda a sua vida estudantil, qual conteúdo (ou quais) você lembra de ter estudo sobre a História da população negra do Brasil?

5. Você se considera uma pessoa religiosa?

() Sim () Não.

6. Qual é sua religião?

7. Você já ouviu falar sobre as religiões afro-brasileira?

() Sim () Não

8. Conhece alguém que é praticante das religiões de matrizes africanas? () Sim () Não

() Candomblé () Umbanda

2^a Oficina

Tema: Intolerância e Racismo Religioso com as Religiões de Matrizes Africanas
Duração: 4 aulas (50 minutos cada)
Objetivo:
<ul style="list-style-type: none">* Compreender o conceito de intolerância e racismo religioso.* Analisar as causas e consequências da intolerância e racismo religioso com as religiões de matrizes africanas, especificamente o candomblé de Ketu.* Desenvolver a empatia e o respeito à diversidade religiosa.* Promover a reflexão crítica sobre a importância da liberdade religiosa.
Habilidades:
<ul style="list-style-type: none">* Compreender e compartilhar os sentimentos de outras pessoas, especialmente daquelas que sofrem com preconceito e discriminação.* Valorizar as diferentes culturas, crenças e identidades religiosas.* Aceitar e respeitar opiniões e modos de vida diferentes dos seus.* Trabalhar em equipe para encontrar soluções para problemas complexos como a intolerância religiosa.
Recursos:
<ul style="list-style-type: none">* Internet

Objetivo:

- * Compreender o conceito de intolerância e racismo religioso.
- * Analisar as causas e consequências da intolerância e racismo religioso com as religiões de matrizes africanas, especificamente o candomblé de Ketu.
- * Desenvolver a empatia e o respeito à diversidade religiosa.
- * Promover a reflexão crítica sobre a importância da liberdade religiosa.

Habilidades:

- * Compreender e compartilhar os sentimentos de outras pessoas, especialmente daquelas que sofrem com preconceito e discriminação.
- * Valorizar as diferentes culturas, crenças e identidades religiosas.
- * Aceitar e respeitar opiniões e modos de vida diferentes dos seus.
- * Trabalhar em equipe para encontrar soluções para problemas complexos como a intolerância religiosa.

Recursos:

- * Internet

* Celular/ Computador

* Leitura dos livros: “Intolerância Religiosa” de Sidnei Nogueira e o livro do educador e adepto do Candomblé Patrício Carneiro Araújo “Entre Ataques e Atabaques: Intolerância religiosa e racismo nas escolas”.

Descrição da Atividade

Para essa abordagem, organizei as cadeiras dos alunos em círculo, permitindo que todos participassem do diálogo. Para que o debate fluísse, apresentei o tema da conversa de forma clara e objetiva e incentivei a participação de todos fazendo as seguintes perguntas: Vocês sabem o que significa tolerância? Vocês já foram intolerantes com alguém? O que vocês já ouviram falar sobre religiões de matriz africana? A partir dessas indagações, os alunos puderam expor seus conhecimentos acerca do tema proposto.

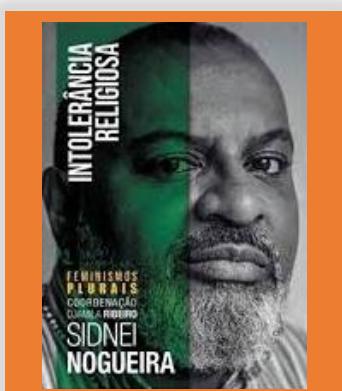
A temática apresentada possibilitou aos alunos o desenvolvimento de diversas habilidades, desde a leitura de livros, resenhas críticas e até mesmo campanhas de conscientização. No caso dessa oficina, foi utilizado o debate acerca dos livros apresentados à turma. Dessa forma, as aulas ocorreram do seguinte modo:

Aula 1 e 2: A aula iniciou com uma roda de conversa para abordar o conceito de intolerância religiosa e racismo religioso com foco nas religiões de matrizes africanas, contextualizando historicamente a discriminação e o preconceito. Em seguida, os alunos foram divididos em grupos para a leitura do primeiro capítulo do livro “Intolerância Religiosa” do professor Sidney Nogueira e a leitura do quarto capítulo do livro “Entre Ataques e Atabaques: Intolerância Religiosa e Racismo na Escola” do Professor Patrício Carneiro Araújo.

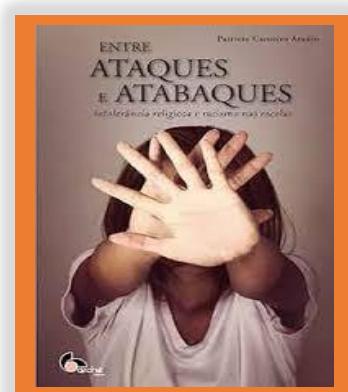
Aula 3 e 4: Os alunos apresentaram os resultados da leitura dos livros indicados e houve um debate com mediação do professor. A aula foi concluída com uma reflexão sobre a importância da valorização da diversidade religiosa e do combate à intolerância e ao racismo.

17

MATERIAL DE APOIO



NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. São Paulo, Pólen Produção Editorial LTDA, 2020.



ARAÚJO, Patrício Carneiro. **Entre ataques e atabaques: intolerância religiosa e racismo nas escolas**. São Paulo, Arché Editora, 2017.

Tema: Perseguição Religiosa: Análise das Imagens Apresentadas Pelos Alunos

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Objetivo:

- * Compreender o conceito de perseguição religiosa e suas diversas manifestações históricas.
- * Desenvolver a capacidade de analisar criticamente imagens, identificando seus elementos visuais e mensagens implícitas.
- * Promover a reflexão sobre a importância da liberdade religiosa e o respeito à diversidade.

Habilidades:

- * Aprender a interpretar e questionar a mensagem por trás de uma imagem, identificando elementos como composição, cores e contexto.
- * Desenvolver a capacidade de criar e expressar ideias visualmente, utilizando diferentes técnicas e ferramentas.
- * Aprimorar a habilidade de comunicar ideias e informações de forma clara e eficaz através de imagens.
- * Averiguar problemas visuais, como a composição de uma imagem ou a escolha das cores mais adequadas.

Recursos:

- * Imagens sobre perseguições religiosas.
- * Computadores com acesso à internet.
- * Projetor multimídia.
- * Canetas, lápis e papel e cartolinhas.

Descrição da Atividade

Para abordar essa temática, apresentei aos alunos uma visão geral da perseguição religiosa direcionada às religiões de matrizes africanas e como ela é manifestada de diversas formas. A partir dessa abordagem, pedi aos alunos para selecionarem e trazerem algumas imagens que representassem a perseguição religiosa para serem analisadas. Para que eles conseguissem fazer a análise, incentivei-os a considerar a origem e contexto da imagem, os elementos visuais que se destacam nas imagens e a mensagem que a imagem transmite.

Para facilitar a análise, apresentei aos alunos o gráfico KWL ou SQA. O gráfico permite que os alunos possam se orientar através do aprendizado de um conceito, dividindo o processo de aprendizagem em três etapas: o que você já sabe, o que você quer saber e o que você aprendeu.

Aula 1: Apresentei o tema da aula e discuti o conceito de perseguição religiosa. Levantei questões norteadoras como: Por que as pessoas são perseguidas por causa de sua religião? Quais são as consequências da perseguição religiosa? Em seguida, dividi a turma em grupos e solicitei que os grupos pesquisassem imagens, destacando episódios de intolerância ou racismo religioso com as religiões de matrizes africanas.

Aula 2: Após as imagens selecionadas, os alunos realizaram sua análise utilizando o gráfico KWL ou SQA. O gráfico foi de suma importância para guiar os alunos no processo de investigação e reflexão sobre as imagens apresentadas. Além disso, o gráfico ajudou os alunos a organizarem suas ideias e a construir uma interpretação sobre as imagens. As



imagens selecionadas pelos alunos serviram para confecção de cartazes.

MATERIAL DE APOIO

Gráfico KWL ou SQA.

S	Q	A
O que pensamos que sabemos	O que queremos saber	O que esperamos aprender
Cenário: Qual é a cena? Onde é isso?	Por que isso está acontecendo?	Perguntas que esta imagem levanta:
Pessoas: Quem são eles? O que eles estão fazendo?	Por que você acha que eles estão fazendo isso? Como você acha que eles estão se sentindo?	
Objetos: Por que eles estão lá? A que propósito eles poderiam servir?	Quando você acha que essa foto foi tirada? Como você sabe?	Onde você pode encontrar respostas?

Fonte: Pereira, 2020.

19

4^a Oficina

Tema: Elaboração dos Panfletos: Intolerância e racismo religioso - O Candomblé de Ketu
Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Objetivo:

- * Compreender os conceitos de intolerância e racismo religioso, suas manifestações e consequências.
- * Analisar o papel do Candomblé de Ketu como religião de matriz africana e sua importância cultural.
- * Refletir sobre a importância do respeito à diversidade religiosa e da promoção da igualdade.
- * Produzir material informativo (panfletos) sobre os temas abordados.

Habilidades:

- * Analisar textos informativos sobre os temas, desenvolvimento da capacidade de compreensão e interpretação de diferentes fontes de informação.
- * Buscar informações em diferentes fontes (textos, vídeos, imagens) sobre intolerância religiosa, racismo religioso e Candomblé de Ketu, desenvolvimento da capacidade de selecionar informações relevantes e confiáveis.
- * Participar de debates e discussões sobre os temas, apresentação de argumentos e opiniões de forma clara e respeitosa, produção de textos informativos (panfletos) com linguagem

adequada e informações relevantes.

Recursos:

- * Textos informativos sobre intolerância religiosa, racismo religioso e Candomblé de Ketu (livros e sites).
- * Imagens e ilustrações relacionadas ao Candomblé de Ketu.
- * Papel A4 e impressora colorida para a produção dos panfletos.

Descrição da Atividade

Após a discussão da temática realizada no 3º encontro, os alunos realizaram a confecção de dois panfletos abordando a Intolerância e racismo religioso e o Candomblé de Ketu.

Aula 1 e 2: Expliquei o conceito de panfleto como um meio de comunicação eficaz para divulgar informações e ideias. Apresentei exemplos de panfletos sobre diferentes temas, destacando a importância da linguagem clara, objetiva e persuasiva, além do uso de recursos visuais impactantes. Em seguida a turma foi dividida em dois grupos para a produção dos panfletos. O grupo 1 produziu um panfleto sobre intolerância e racismo religioso, com o objetivo de conscientizar sobre o problema e promover o respeito à diversidade religiosa. O grupo 2 elaborou um panfleto sobre o Candomblé de Ketu, com o objetivo de divulgar informações sobre a religião e combater o preconceito e o racismo religioso no espaço escolar. Cada grupo apresentou seu panfleto para a turma, explicando o tema abordado, as informações contidas e o objetivo do material confeccionado. Os panfletos foram usados na culminância da exposição do produto educacional.

PANFLETOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

Nota de repúdio ao racismo religioso

Todas as vítimas de racismo religioso ou intolerância religiosa podem fazer denúncias pelo Disque 100, canal de denúncias contra os direitos humanos do Governo Federal. É também recomendável procurar canais como a Ouvidoria de Direitos Humanos de cada estado, a Delegacia de Racismo e Crimes de Intolerância (presente em alguns estados), além da Defensoria Pública e o Ministério Público.

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O direito de criticar dogmas e encaminhamentos é assegurado como liberdade de expressão, mas atitudes agressivas, ofensas e tratamento diferenciado a alguém em função de crença ou de não ter religião são crimes inafiançáveis e imprescritíveis.

Denuncie: disque 100



Escola M. E. F. Água Azul
Disciplina: História / Ensino Religioso
Professoras: Jakeline Barbosa / Maria Deusina
Turma: 9º Ano "A"

Intolerância e Racismo Religioso



Preconceito e Discriminação Com as Religiões de Matriz Africana

O Brasil é um país diversificado em relação às culturas e religiões, motivo de ser um país laico, contudo, a intolerância religiosa se torna cada vez mais recorrente nos dias atuais. E assim, esse problema parece estar enraizado na nossa história, pois desde o início da colonização europeus menosprezavam a cultura e principalmente a religião, tanto dos índios nativos, como também dos africanos escravizados. Com o passar dos anos, a diversidade foi aumentando ao ponto de haver várias vertentes dentro de uma mesma crença, e isso é motivo de conflitos ideológicos e causa de discriminação em vários grupos.

Racismo e Intolerância Religiosa

É preciso ir além do termo “intolerância” para definir uma violência tão direcionada às religiões de matriz africana no Brasil. O termo racismo religioso traduz com mais precisão a ameaça à liberdade e à existência que os povos de terreiro vêm sofrendo há séculos. Ou seja, o discurso de ódio e os ataques físicos acontecem justamente porque essas religiões são praticadas por pessoas negras.

Pode-se definir a intolerância religiosa como um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas, discriminatórias e de desrespeito às diferentes crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma determinada religião. Essas atitudes muitas vezes impregnadas na sociedade brasileira e que possuem raízes históricas, com frequência está vinculada ao racismo, sendo um desrespeito aos Direitos Humanos.

O Racismo religioso é um conjunto de práticas violentas que expressam a discriminação e o ódio pelas religiões de matriz africana e seus adeptos, assim como pelos territórios sagrados, tradições e culturas afro-brasileiras.

Quando um umbandista disser:

“Que os orixás te iluminem”

Quando um católico disser:

“Que Maria mãe de Deus esteja contigo”

Quando um evangélico disser:

“Deus te abençoe”



RESPEITE.

Essa pessoa está te desejando o bem com base naquilo em que acredita. Não defende sua religião diminuindo a fé de outras pessoas.

Os Orixás



Os Orixás são entidades que representam a energia e a força da natureza. Desempenham um papel fundamental no culto quando são incorporados pelos praticantes mais experientes. Possuem personalidades, habilidades, preferências rituais e fenômenos naturais específicos, o que lhes conferem qualidades e forças distintas.

O Deus único do Candomblé pode variar de acordo com a região africana de origem. Para os Ketu é Olorum, entre os Bantus é Nzambi e para os Jeje é Mawu. Existem centenas de Orixás, contudo, os mais cultuados no Brasil são:

O sincretismo religioso

Orixá	Sincretismo
Oxalá	Jesus Cristo
Oxóssi	São Sebastião
Iemanjá	Nossa Senhora dos Navegantes
Legum Edé	Santo Expedito
Ogum	São Jorge
Obá	Santa Joana d'Arc
Exú	Santo Antônio
Xangô	São João Batista
Naná	Santa Ana
Oxumaré	São Bartolomeu
Ibejá	Santos Cosme e Damião
Ossaim	São Roque
Omulú	São Lázaro
Iansá	Santa Bárbara
Oxum	Nossa Senhora da Conceição
Evá	Santa Luzia

Escola M. E. F. Água Azul

Disciplina: História

Professoras: Jakeline Barbosa Turma: 9º Ano “A”

Candomblé de Ketu: Religião de Matriz Africana



Quais são as religiões de matriz africana?

As matrizes africanas deram origem a diversas manifestações sagradas no Brasil, como o Candomblé e Umbanda, existem adeptos de tradições como jarê, terecô e xangô de Pernambuco, o Batuque, do Rio Grande do Sul e o Tambor de Mina, variação do candomblé no Maranhão.

Essas tradições e religiões podem ser diferenciadas pelos seus rituais e história, possuindo diversas especificidades, ainda que compartilhem filosofias e influências similares advindas do continente africano. As religiões de matriz africana podem ser divididas em três grupos: brasileiras, como a umbanda, afro-brasileiras, como o candomblé de caboclo, e afrodescendentes que, ainda que originadas no Brasil, reivindicam os processos de organização das religiões da África, como o Ketu e o Jêje.

Candomblé

O Candomblé é um termo genérico usado para designar tradições criadas ou recriadas no Brasil por povos originários, principalmente, de países atualmente conhecidos como Angola, Nigéria e República do Benim. Dessa maneira, considera-se que, ainda que algumas tradições tenham sido criadas de forma única no Brasil, a religião resgata a herança cultura religiosa ancestral e milenar africana que chegou ao país no período da escravidão.

O candomblé faz parte de uma resistência espiritual dos povos africanos escravizados no Brasil. É uma religião dividida entre três grandes nações, as quais se distinguem pelas divindades cultuadas e os idiomas utilizados nas celebrações religiosas, sendo elas a Nação Angola, Jêje e Nagô, as quais apresentam inúmeros subgrupos com características próprias.

Rituais do Candomblé

Os rituais de Candomblé são, via de regra, realizados por meio de cânticos, danças, batidas de tambores, oferendas de vegetais, minerais, objetos e, às vezes, sacrifício de alguns animais. Os participantes devem usar trajes específicos com as cores e guias do seu orixá, e cada um possui o seu dia, cor, objetos e alimentos específicos, adequados ao seu ritual. Um ritual podem reunir dezenas a centenas de pessoas, variando de acordo com o tamanho da casa que realiza as obrigações e festas. Nestas ocasiões, há uma grande preocupação com a higiene e alimentação, pois tudo deve estar purificado para estar digno do orixá. Os rituais de Candomblé são praticados em casas, roças ou terreiros, os quais podem ser de linhagem matriarcal, patriarcal ou mista. Por conseguinte, as celebrações são dirigidas pelo "pai ou mãe de santo" ou "babalorixá" e "ialorixá".

5^a Oficina

Tema: Conhecendo Pierre Verger

Duração: 4 aulas (50 minutos cada)

Objetivo:

- * Apresentar aos alunos a vida e obra de Pierre Verger, destacando sua importância como fotógrafo e antropólogo.
- * Analisar a fotografia como forma de expressão artística e documento histórico-cultural.
- * Compreender a relação entre imagem e cultura, explorando a religiosidade presente na obra de Verger.
- * Estimular a reflexão crítica sobre o Candomblé de Ketu através da fotografia de Verger.

Habilidades:

- * Analisar e interpretar diferentes textos.

Recursos:

- * Livro "Fotografando Verger".
- * Textos complementares sobre a vida e obra de Pierre Verger.
- * Fotografias de Pierre Verger.

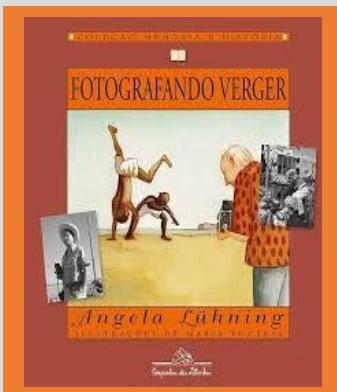
Descrição da Atividade

Pierre Verger foi um fotógrafo e antropólogo francês, que deixou um legado ao registrar a cultura ao redor do mundo, com destaque para a religiosidade afro-brasileira e africana. Dessa forma, essa oficina propôs conhecer a vida e obra de Verger, utilizando o livro “Fotografando Verger”, como um guia, a fim de explorar a fotografia como forma de documento histórico. Aula 1 e 2: A oficina começou com uma apresentação sobre Pierre Verger, sua trajetória

como fotógrafo e antropólogo e a importância de sua obra para a cultura e religiosidade afro-brasileira e africana. Em seguida, analisamos algumas das fotografias de Verger, explorando temas como religião, costumes e festas populares.

Aula 3 e 4: Leitura e discussão do livro "Fotografando Verger", de Angela Lühning.

MATERIAL DE APOIO



LÜHNING, Angela. **Fotografando Verger**. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2011.

23

6^a Oficina

Tema: Apresentação da Fundação Pierre Verger

Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Objetivo:

- * Contextualizar a criação da Fundação Pierre Verger e seus objetivos.
- * Explorar o acervo da Fundação e sua relevância para a pesquisa e preservação cultural.

Habilidades:

- * Analisar e interpretar imagens.

Recursos:

- * Projetor e computador.
- * Vídeos e documentários sobre Pierre Verger e a Fundação.
- * Imagens das fotografias de Pierre Verger.

Descrição da Atividade

A Fundação Pierre Verger é um espaço dedicado à sua memória e ao estudo das culturas do mundo, com foco nas culturas de matrizes africanas.

Aula 1 e 2: A atividade teve início com a visita ao site da Fundação Pierre Verger. Em seguida apresentei aos alunos o acervo da Fundação, principalmente as fotografias, os livros e os documentos. Além disso, discutimos a importância do acervo para a pesquisa e preservação da cultura afro-brasileira.

MATERIAL DE APOIO



<https://www.pierreverger.org/>

7ª Oficina

Tema: Confecção de Banners Para Exposição imagética

Duração: 6 aulas (50 minutos cada)

Objetivo:

- * Apresentar aos alunos a cultura dos Orixás, suas características e simbologias.
- * Desenvolver habilidades de pesquisa, criação e expressão artística através da confecção de banners.

Habilidades:

- * Pesquisar e selecionar informações.
- * Criar e desenvolver layouts.
- * Utilizar diferentes materiais e técnicas de confecção de banners.
- * Trabalhar em grupo.

Recursos:

- * Imagens, livros, site e outros materiais de pesquisa sobre os Orixás.
- * Computador.

Descrição da Atividade

Aula 1: Pesquisa em grupo: a turma foi dividida em grupos para pesquisar sobre diferentes Orixás (características, simbologias, cores, etc.).

Aula 2: Apresentação das pesquisas de cada grupo e a escolha do orixá para elaboração do banner.

Aula 3 e 4: Confecção dos banners: os grupos iniciaram a produção dos banners, utilizando os materiais e técnicas escolhidas. Auxiliei os grupos na confecção dos banners, tirando dúvidas e dando sugestões.

Aula 5 e 6: Essas aulas foram dedicadas à finalização dos banners. Após terminarem seus trabalhos cada grupo apresentou seu banner confeccionado, explicando o processo de criação e as simbologias utilizadas.

Os banners criados pelos alunos foram expostos na escola para apreciação de toda a comunidade escolar no evento denominado “Exposição Imagética: Conhecendo os orixás do candomblé de Ketu a partir das fotografias de Pierre Verger”, que ocorreu no dia 03 de setembro de 2024 na Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul.

BANNERS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS

25





EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul
Professora: Jakeline Barbosa
Turma: 9º Ano "A"

EXU

Exu (em iorubá: Èṣù) é o Orixá da comunicação e da linguagem: assim, atua como mensageiro entre os seres humanos e as divindades, dentre outras muitas atribuições. É cultuado no continente africano pelo povo iorubá, bem como em cultos afrodescendentes, como no candomblé Baiano, no tambor de mina maranhense, dentre outros. Apesar do nome idêntico, não deve ser confundido com os exus da Umbanda (também chamados "exus catícos"), que possuem cosmologia diferente.

Orixá Exu recebe diversos nomes de acordo com a função que exerce ou com suas qualidades: Elebá, Legba ou Elégbára, - pelo sincretismo com este vodum dos fons, mais Exu Bará ou Ibará, Alaqueto, Abô, Odará, Aqueusã, Lalu, Ijelu (aquele que rege o nascimento e o crescimento de tudo o que existe), Ibarabô, langi, Baraqueto (guardião das porteiras), Lonã (guardião dos caminhos), Iná (reverenciado na cerimônia do padê).

No Brasil, Exu é percebido como um orixá de múltiplos e contraditórios aspectos, o que torna difícil defini-lo de maneira coerente. No candomblé, Exu é o orixá mensageiro, um ser intermediário entre seres humanos e divindades: por essa razão, nada se faz sem ele e sem que oferendas lhe sejam feitas antes de qualquer outro orixá. No Brasil, Exu é muito conhecido como o "orixá do lado de fora", como guardião da parte exterior dos templos, das casas, das cidades e das pessoas. Também está intimamente ligado aos caminhos e, especialmente, às encruzilhadas.

FERRAMENTAS DE EXU

Usa o ogó, o porrete-bastão e tridente. Gosta do preto e do vermelho. Come todas as comidas, especialmente a farinha com dendê.




Fonte: Imagem adaptada e utilizada da plataforma Canvas.

IAÔ DE EXU NA BAHIA



Fonte: Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE EXU

Elemento	Fogo
Animais	Cachorro e Galinha Preta
Bebida	Cachaça
Cores	Preto e Vermelho
Dia de Comemoração	13 de junho
Dia da Semana	Segunda - Feira
Metal	Ferro
Eervas	Arruda, hortelã e cravo vermelho
Símbolos	Tridente e bastão
Pontos da natureza	Encruzilhadas

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.

CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em: <https://www.canvas.com/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupcião, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

NANÃ BURUKU

Nanã, é um orixá antiga e muito forte. É considerada a deusa da chuva e da terra, seus poderes emanam do barro, da argila, da água parada e do barro. É do barro que sai de Nanã que são criados os homens com sua perfeição e sua imperfeição. Nanã possui características peculiares, pois é considerada um orixá de personalidade forte, ranzinza e que amedronta os homens.

Por ser considerada a orixá mais velha entre os orixás, ela representa a memória ancestral. Dessa forma, apesar de ser a mãe dos orixás iroko, Obaluaiê e Oxumaré, ela é reverenciada como mãe ou avó de todos os outros orixás.

Por ser um orixá que representa a velhice e a sabedoria que adquiriu com o tempo, Nanã é muito respeitada no panteão dos orixás. Além disso, por ser anciã, ela guarda sua existência como uma grande matriarca. Quando se manifesta nas cerimônias ritualísticas, Nanã tem um andando lento e vagaroso que a caracteriza como velha.

NANÃ BURUKU ou **BURUQUÊ** é o princípio feminino que se apresenta como a anciã sábia, o poder ancestral que engendrou as formas humanas amassando o barro com seus próprios pés. A senhora das águas profundas e dos pântanos. É o mais alquímico dos orixás; representa o poder transmutador da natureza. Ela é um orixá originário da idade anterior ao ferro e cultuada principalmente no Daomé.

FERRAMENTA DE NANÃ BURUKU



Ibiri, ferramenta de Nanã Buruku

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

IAÔ DE NANÃ BURUKU NO BRASIL SEGURANDO UM EBIRI NOS BRAÇOS



Fonte: Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE NANÃ BURUKU

Cores	Branco e azul (preto ou roxo)
Dia da semana	sábado
Metal	latão
Comidas	Aberém, mugunzá, mostarda e taitioba
Sincretismo	Santana
Animais	cabra e galinhas-d'angola
Símbolo	Bastão de hastas de palmeira
Bebida	Vinho

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.
CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em: <https://www.canva.com/>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

OXÓSSI

Oxóssi é o deus da caça, protetor das florestas, sincretizado com São Jorge e São Sebastião. Sua importância deve-se a diversos fatores. O primeiro é de ordem material, pois, como Ogum, ele protege os caçadores, torna suas expedições eficazes, delas resultando caça abundante. O segundo é de ordem médica, pois os caçadores passam grande parte do seu tempo na floresta, estando em contato frequente com Ossain, divindade das folhas terapêuticas e litúrgicas, e aprendem com ele parte do seu saber. O terceiro é de ordem social, pois normalmente é um caçador que, durante suas expedições, descobre um lugar favorável à instalação de uma nova roça ou de um vilarejo. Torna-se assim o primeiro ocupante do lugar e senhor da terra (onilé), com autoridade sobre os habitantes que aí venham a se instalar posteriormente. O quarto é de ordem administrativa e policial, pois antigamente os caçadores (ode) eram únicos a possuir armas no vilarejo, servindo também de guardas-noturnos.

O culto a Oxóssi é comum no Brasil, mas foi esquecido na África. Oxóssi teria sido cultuado basicamente em Ketu, onde recebeu o título de rei e por isso, é um dos Orixá de maior prestígio e muito popular dentro dos terreiros de candomblé no Brasil.

FERRAMENTAS DE OXÓSSI



A principal ferramenta que usa é o ofá, o arco e flecha.

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

IAÔ DE OXÓSSI NA BAHIA



Fonte: Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE OXÓSSI

Cor	Verde (no Candomblé: Azul Celeste Claro)
Pontos da Natureza	Matas
Metal	Bronze
dia da Semana	Quinta-feira
Bebida	Vinho tinto (água de coco, caldo de cana, aluá)
Comida	Axoxó – milho com fatias de coco, Frutas
Data Comemorativa	20 de janeiro
Sincretismo	São Sebastião

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.
CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2024.
VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul
Professora: Jakeline Barbosa
Turma: 9º Ano "A"

OGUM

Ogum é o deus da guerra, do aço, da metalurgia e da tecnologia. Sincretizado com os santos da igreja católica Santo Antônio e São Jorge. É o orixá que tem o poder de abrir uma trilha que facilita a viagem e o progresso na vida. Os estereótipos sugerem que os filhos de Ogum são teimosos, entusiasmados e possuem certa indiferença racional.

As pessoas consagradas a Ogum usam colares de contas de vidro azul-escuro e, algumas vezes, verde. Terça feira é o dia da semana que lhe é consagrado. Como na África ele é representado por sete instrumentos de ferro, pendurados em uma haste do mesmo metal, e por franjas de folhas de dendêzeiro desfiadas.

Ele é uma divindade do sexo masculino dos iorubás e por estar relacionado a luta, ele é muito adorado no Brasil, pois é um personagem de luz e depois de Exu, ele é um dos orixás mais próximos dos seres humanos.

Ogum, não é só aquele que viaja pela mata e derrota o inimigo, mas pode ser visto como aquele que traz o progresso aos homens, abrindo caminho para a implantação de ferrovias, instalação de fábricas. É, pois, o símbolo do trabalho, da atividade criadora do homem sobre a natureza, da produção e da expansão, da busca de novas fronteiras, de esmagamento de qualquer força que se oponha à sua própria expansão.

FERRAMENTAS DE OGUM



Suas principais ferramentas são a espada (guerra, embate) e o facão (usado para abrir caminhos na mata).

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

IAÔ DE OGUM NO NOVO MUNDO



Fonte: Pierre Verger. 1981.

CARACTERÍSTICAS DE OGUM

Cor	Vermelha (Azul Rei) (Em algumas casas também o verde)
Símbolo	Espada. (Também, em algumas casas: ferramentas, ferradura, lança e escudo)
Metal	Ferro (Aço e Manganês).
Dia da Semana	Terça-Feira
Bebida	Cerveja branca
Comidas	Cará, feijão mulatinho com camarão e dendê e manga espada
Data Comemorativa	23 de abril (13 de junho)
Sincrétismo	São Jorge. (Santo Antônio na Bahia)

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.
CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.
VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

XANGÔ

A realeza, o poder de decisão, a firmeza e a força do caráter. É o senhor da justiça e da liderança a serviço do Bem. Rege os negócios e os assuntos de estado. Protege os governantes e líderes em geral. Manifesta-se na natureza como os trovões e raios, símbolos do seu poder. Xangô é a beleza masculina e sua força física e moral atraí as mulheres de maneira irresistível. Seus filhos espirituais trazem suas características e expressam suas qualidades.

Xangô é filho de Oxalá com Iemanjá e, é conhecido como aquele que possui iniciativa, articulação e no mundo considerado injusto, ele representa a justiça, por isso, ele ganhou prestígio e respeito dentro candomblé, principalmente pelas pessoas consideradas injustiçadas.

Xangô é um orixá que faz parte das religiões de matriz africana no Brasil. É o orixá dos raios e da justiça, sendo justo, bondoso, forte e ágil, e não tolerando injustiças cometidas por mentirosos e por bandidos. O sincretismo religioso fez com que ele fosse relacionado com o santo católico São Jerônimo.

"Os historiadores afirmam que Xangô se trata de um personagem histórico que passou a ser divinizado depois de sua morte. Ele teria sido alafim do Império de Oió, sendo destituído de seu trono. Isso o teria feito suicidar-se, transformando-se em orixá. O seu culto era muito popular e foi trazido ao Brasil por meio do tráfico de escravizados.

FERRAMENTA DE XANGÔ



Sua ferramenta é o Oxé: machado de dois gumes. Orixá do fogo e dos trovões, Xangô foi um grande rei que unificou todo um povo.

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

IAÔ DE XANGÔ DANÇANDO



Fonte: Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE XANGÔ

Animais	Tartaruga e carneiro.
Bebida	Cerveja preta.
Cor	Marrom.
Dia da semana	quarta-feira
Metal	Estanho
Símbolo	Machado
Sincretismo	Moisés, Santo Antônio, São Jerônimo, São Pedro, São Paulo e João Batista
Pontos da natureza	Pedreira

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.
 CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.
 VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

OXALÁ

É o orixá masculino, de descendência iorubá (nagô), é amplamente cultuado no Brasil, onde é considerado o deus mais importante do panteão africano. Trata-se de uma entidade divina andrógina, que representa as energias da criação da natureza e personifica o céu. Oxalá pode receber outros nomes, como Orixalá e Obatalá. Ele foi o primeiro dos orixás, o que recebeu a missão de criar o universo e também os seres humanos. Por isso, é chamado de pai Oxalá.

Oxalá é o deus da criação, sincretizado com Jesus Cristo, ele se apresenta de duas formas distintas, ou seja, existe Oxalufã, que é o orixá da criação, filho de Olorum, o deus supremo. Oxalufã é Oxalá na grandeza de sua velhice. Por outro lado, existe Oxaguiã, que configura outro aspecto de Oxalá, isto é, Oxaguiã é Oxalá no seu esplendor de homem jovem, é o orixá guerreiro.

Além dessas características, oxalá possui outros aspectos, tais como: veste-se totalmente de branco, seu metal é o alumínio, seu dia é sexta-feira; seus animais são as cabras e os pombos. Nas cerimônias ritualísticas, Oxalá é reverenciado pelos demais orixás e segundo Prandi (1995) "Quando se revela no transe, apresenta-se de duas formas: o velho Oxalufã, cansado e encurvado, movendo-se vagarosamente, quase incapaz de dançar; o jovem Oxaguiã, dançando rápido como o guerreiro que é no mito".

FERRAMENTA DE OXALÁ



Sua ferramenta é um Opaxorô é a junção de Opá (Cajado) e Xaorô (Algo que faz barulho aproximado da chuva). O cajado ou bengala é utilizado pelos mais velhos como apoio para andar, mas seu símbolo representa todo o respeito à experiência e vida dos idosos e de quem tem conhecimento. Os discos representam as três 'escalas' do mundo, sendo a primeira delas o mundo dos Orixás, a segunda como o mundo dos Espíritos e a terceira como o mundo dos seres humanos. Já o pombo representa um comunicador que interliga os três.

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

SACERDOTES DE OXALÁ EM CERIMÔNIA



Fonte:— Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE OXALÁ

Cor	Branco
Símbolo	Estrela de 5 pontas. (Em algumas casas, a Cruz)
Metal	Prata (Em algumas casas: platina, ouro branco).
Dia da semana	Todos, especialmente a Sexta-Feira.
Bebidas	Água mineral, ou vinho branco doce ou vinho tinto doce.
Comidas	canjica, Acará, Mungunzá.
Data comemorativa	25 de dezembro
Sincretismo	Jesus. (Oxaguiã, Menino Jesus de Praga; Oxalufã, Senhor do Bonfim)

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.

CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio. 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

IEMANJÁ

Iemanjá é a deusa dos rios, dos mares, dos oceanos. É considerada mãe de muitos orixás e sincretizada com Nossa Senhora da Conceição. Os filhos de Iemanjá geralmente são bons pais, pois protegem seus filhos com toda sua garra. Dentre os seus principais defeitos estão: falar demais e incapacidade de guardar segredo.

Para as religiões de matriz africana, como o Candomblé de Ketu, é ela quem determina o destino de todos que vão para o mar. Seu nome vem da língua iorubá que significa "Mãe dos Peixes", portanto, seus seguidores acreditam que ela tem domínio completo sobre o mar, e muitos fazem preces para pedir a permissão dela antes de entrar nas águas salgadas. Além disso, os seguidores de Iemanjá acreditam que ela tem domínio sobre os seres que vivem nessas águas.

O orixá feminino ainda está associado às causas da fertilidade feminina e do amor. Dessa forma, ela é frequentemente chamada para ajudar em partos complicados ou para alcançar o amor.

Iemanjá é uma divindade muito popular no Brasil e em Cuba. Seu axé é assentado sobre pedras marinhas e conchas, guardadas numa porcelana azul. O sábado é o dia da semana que lhe é consagrado, juntamente com outras divindades femininas.

Seus adeptos usam colares de contas de vidro transparentes e vestem-se, de preferência, de azul-claro. Fazem lhe oferendas de carneiro, pato e pratos preparados à base de milho branco, azeite, sal e cebola. Na dança, suas iãos imitam o movimento das ondas, flexionando o corpo e executando curiosos movimentos com as mãos.

No Brasil, ela é considerada o orixá mais popular festejado com festas públicas, desenvolvendo profunda influência na cultura popular, música, literatura e na religião, adquirindo progressivamente uma identidade consolidada pelo Novo em suas representações nos mais diversos âmbitos que em sua imagem reuniram as "três raças".

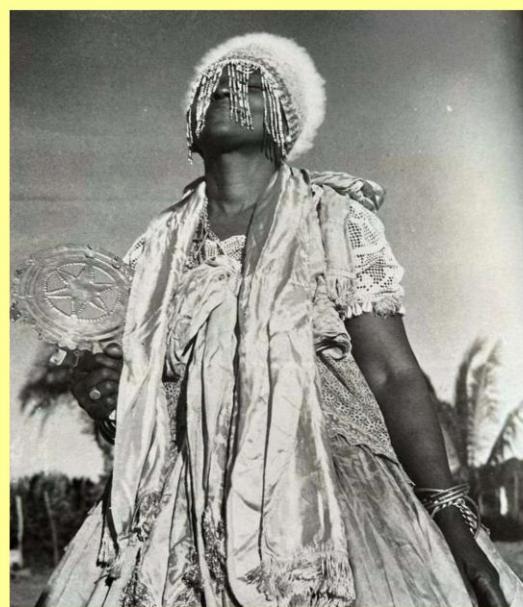
FERRAMENTAS DE IEMANJÁ



Abóbó é um leque em forma circular, prateado, alguns podem trazer um espelho no centro e com decoração, adê (coroa com franjas de miçangas) e idés (braceletes ou pulseiras de argola), pedras do mar e conchas.

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

IEMANJÁ MANIFESTADA EM CANDOMBLÉS NA BAHIA



Fonte: Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE IEMANJÁ

Cor	Cristal. (Em algumas casas: Branco, azul claro, também verde claro e rosa claro)
Pontos da Natureza	Mar
Metal	Prata
Dia da Semana	Sábado
Bebida	Água Mineral ou Champanhe
Comidas	Peixe, Camarão, Canjica, Arroz, Manjar, Mamão.
Data Comemorativa	15 de agosto (Em algumas casas: 2 de fevereiro, em 8 de dezembro)
Sincretismo	Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora dos Navegantes

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.
 CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

OBALUAÊ

Obaluaê, como é conhecido em todo o país, é o senhor da terra, o orixá da cura, da saúde e da doença. Obaluaê está associado a diversas doenças corporais e seus respectivos tratamentos. Segundo Prandi (1997), "Obaluaïê ou Omolu é o Deus da varíola, das pragas e doenças. É relacionado com todo o tipo de mal físico e suas curas. Associado aos cemitérios, solos e subsolos". Esse orixá está inerentemente associado à terra quente, seca e rígida, ao contrário de sua mãe Nanã, que está ligada à terra úmida, à terra.

Reza a lenda que Obaluaê nasceu com feridas por todo o corpo e foi abandonado na praia por sua mãe Nanã. No acidente, um caranguejo causou sérios danos à sua pele. Iemanjá encontrou a criança e a criou; ela curou suas feridas utilizando folhas de bananeira. Depois desse episódio Obaluaê se tornou um grande guerreiro que se cobria com palhas (ikô) devido ter se tornado um ser brilhante como o sol, porém, muitos acreditavam que ele cobria seu corpo com palhas para mascarar suas enfermidades.

Os festivais que são realizados no período de seca, onde normalmente se espalham doenças pela cidade. Obaluaïê incorporado em um elegum, os sacerdotes e devotos saem pelas ruas da cidade, pedindo o afastamento de doenças, para que a terra possa voltar a dar frutos e para que não falte alimento. Durante as procissões, os doentes se abaixam perante Obaluaïê para que recebam magias e remédios para obter a cura. Em terras iorubás, normalmente são famílias que por gerações os membros são iniciados para Obaluaïê e tem a responsabilidade de manter vivo o seu culto e passa-lo para gerações futuras. Nas festas de candomblé de Ketu, quando acontece o transe, ou seja, a incorporação do deus em seu filho, as iaôs de Obaluaê dançam revestidos de palha e em suas cabeças há um capuz de palha, onde as franjas feitas de palhas cobrem seu rosto.

FERRAMENTAS DE OBALUAÊ



Seus instrumentos são a lança, indicando sua ligação com a guerra (já que quando humano era um guerreiro), uma pequena cabaça com feitiços para dar às pessoas que estão doentes e o xaxará (Sàsàrà), espécie de cetro de mão, feito de nervuras da palha do dendezeiro, enfeitado com búzios e contas, em que ele capta das casas e das pessoas as energias negativas, bem como "varre" as doenças, impurezas e males sobrenaturais. Esta representação nos mostra sua ligação a terra

Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

OBALUAÊ NA BAHIA



Fonte:— Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE OBALUAÊ

Animais	cachorro e galinha de Angola
Bebidas	Água e vinho tinto
Cores	Preto e branco
Comemoração	16/08 para São Roque e 17/12 para São Lazar
Dia da semana	Segunda-feira
Comidas	Feijão preto e carne de porco
Elemento da natureza	Terra
Metal	Chumbo
Símbolos	Cruz
Ervas	Folhas de laranja lima, musgo e folha de milho

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.

CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>>. Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupcio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

IANSÃ

Iansã, deusa do raio, do vento e da tempestade. É esposa Xangô que o acompanhou na guerra. Orixá guerreira que leva a alma dos mortos para outro mundo. Ela é uma entidade feminista, seu povo é sábio, falador, barulhento, corajoso.

Iansã é uma lutadora, ou seja, guerreira que defende o que lhe pertence. Ela sabe conquistar, seja no frenesi da guerra ou na arte do amor. Iansã usava seus encantos e sedução para adquirir poder. Por isso entregou-se a vários homens, deles recebendo sempre algum presente. Com Ogum, casou-se e teve nove filhos, adquirindo o direito de usar a espada em sua defesa e dos demais. Com Oxaguiã, adquiriu o direito de usar o escudo, para proteger-se dos inimigos. De Exu, adquiriu o direito de usar o poder do fogo, para realizar seus desejos e os de seus protegidos. Com Oxóssi, adquiriu o saber da caça, para suprir-se de carne e a seus filhos.

Iansã foi uma deusa que percorreu vários reinos em busca da sabedoria de outros orixás. Em alguns lugares ela é conhecida como Oyá e pode ser descrita como o mais dinâmico dos Orixás femininos: usa vermelho lembrando sua ligação com a fertilidade e o sangue.

FERRAMENTAS DE IANSÃ

"Ela carrega uma espada em uma mão e um erexin na outra. Erexin é um rabo de cavalo, responsável por fazer a ligação entre o mundo dos vivos e dos mortos. Além destes, ela também tem como símbolo os chifres de búfalo e a borboleta, por ser associada a transformação.



Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

IANSÃ DANÇANDO EM CERIMÔNIA



Fonte: Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE IANSÃ

Cor	Coral, marrom e vermelho
Animais	Coruja, borboleta e cabra
Metal	Cobre
Dia da Semana	Quarta-feira
Bebida	Champanhe
Comidas	Acarajé, bobó e inhame
Data Comemorativa	04 de dezembro
Arma	Espada
Símbolo	Raio
Elemento	Fogo
Ervas	Cana, espada de Iansã
Flores	Flores amarelas e corais
Essência	Patchouli
Planetas	Júpiter e Lua

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.
 CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.
 VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.



EXPOSIÇÃO IMAGÉTICA: CONHECENDO OS ORIXÁS

Escola Municipal de Ensino Fundamental Água Azul

Professora: Jakeline Barbosa

Turma: 9º Ano "A"

OXUM

Oxum é um orixá das águas doces que representa a sabedoria e a força das mulheres. Além disso, ela é vista como a deusa do ouro e do jogo de búzios. Ela é a deusa do continente africano, mais especificamente do rio Oxum no sudoeste da Nigéria e, é muito cultuada no candomblé de Ketu.

O arquétipo de Oxum é o das mulheres graciosas e elegantes, com paixão pelas joias, perfumes e vestimentas caras. Das mulheres que são símbolos do charme e da beleza. Voluptuosas e sensuais, porém, mais reservadas que Oiá. Elas evitam chocar a opinião pública, à qual dão grande importância. Sob sua aparência graciosa e sedutora esconde uma vontade muito forte e um grande desejo de ascensão social.

Além disso, Oxum representa a deusa da beleza, a deusa do amor, da fertilidade e da maternidade, responsável pela proteção dos fetos e recém-nascidos, e é cultuada pelas mulheres que desejam engravidar. Oxum acalma as tempestades iniciadas por homens e mulheres. Ela é a mãe gentil, que ampara seus filhos novos e velhos. Juntamente com Iemanjá e Naná, ela é considerada mãe dos orixás.

FERRAMENTAS DE OXUM



Fonte: Imagens adaptadas e utilizadas da plataforma Canvas.

OXUM DANÇANDO NUM TERREIRO DA BAHIA



Fonte:— Pierre Verger, 1981.

CARACTERÍSTICAS DE OXUM

Cor	Azul (Em algumas casas: Amarelo)
Pontos da Natureza	Cachoeira e rios (calmos)
Metal	Ouro
Dia da Semana	Sábado
Bebida	Champanhe
Comidas	Omolocum. Ipetê. Quindim (Em algumas casas: banana frita, moqueca de peixe e pirão feito com a cabeça do peixe)
Data Comemorativa	8 de dezembro
Sincretismo	Nossa Senhora Da Conceição, Nossa Senhora Da Aparecida, Nossa Senhora Da Fátima, Nossa Senhora Da Lourdes, Nossa Senhora Das Cabeças, Nossa Senhora De Nazaré.

Fonte: Adolfo, 2008.

Referência Bibliográfica

ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. *Sopros do silêncio*. Londrina: EDUEL, 2008.

CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canvas.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.

VERGER, Pierre. *Orixás: deuses iorubás na África e no novo mundo*. São Paulo: Ed. Corrupio, 1981.

Tema: Organização da Exposição Imagética
Duração: 2 aulas (50 minutos cada)

Planejamento

Definir os objetivos da exposição.

O que você quer que os alunos aprendam com a exposição? Quais aspectos da cultura do candomblé de Ketu você deseja destacar?

Escolha um tema para a exposição:

Você pode focar em um orixá específico ou abordar os principais orixás, seus rituais e símbolos. Para essa sequência didática o tema foi “Oficina Imagética: Conhecendo o Candomblé de Ketu e seus Orixás”.

Seleção das imagens:

Busca por fotos no site da Fundação Pierre Verger. Certifique-se de que as imagens sejam de qualidade e representem os orixás de forma respeitosa e precisa.

Criação legendas informativas:

As legendas devem explicar quem são os orixás, seus atributos, símbolos e sua importância na cultura do candomblé de Ketu.

Definição de local e data da exposição:

Escolha um espaço da escola que seja adequado para receber a exposição e defina uma data em que a comunidade escolar possa visitá-la.

Divulgação da exposição:

Foi decidido a utilização de cartazes, redes sociais e outros meios de comunicação para divulgar a exposição para a comunidade escolar.

Conteúdo da exposição:

Utilização as imagens e legendas para apresentar os principais orixás do candomblé de Ketu através das fotografias de Pierre Verger.

Recursos adicionais:

Apresentação de vídeos e músicas que mostrem os rituais do candomblé de Ketu e a beleza da cultura afro-brasileira.

Após a realização das oficinas e a organização da Exposição Imagética, o evento ocorreu no dia 03 de setembro e contou com a participação de toda a comunidade escolar, alunos de outras escolas e autoridades locais.

FOTOS DO EVENTO



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa.



Fonte: Elaborada pela autora da pesquisa



6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da história africana e afro-brasileira dentro da disciplina de história proporcionou aos estudantes outra visão de mundo, além da perspectiva europeia que é ensinada na maioria das escolas. Além disso, propiciou uma vasta compreensão de conhecer a riqueza e a diversidade das culturas africanas e afro-brasileiras.

A diversidade cultural do Brasil é fortemente influenciada pelas religiões de matrizes africanas que desempenham um papel significativo na formação da identidade do nosso país. Dessa forma, conhecer as religiões de matrizes africanas especificamente o candomblé de Ketu, é uma maneira de contribuir para que ocorra uma mudança de postura diante do preconceito, do racismo e da intolerância religiosa presentes atualmente.

Assim, é possível afirmar que as atividades desenvolvidas nas oficinas e os materiais de apoio pedagógico propostos nesta sequência didática podem colaborar com as práticas educativas dos professores da disciplina de História do ensino fundamental, pois é possível incluir conteúdos voltados para a religiosidade africana e afro-brasileira, por meio de atividades que desenvolvam o respeito a outras formas de conhecimento, não pautadas na visão eurocêntrica, mas que valorize a cultura e as histórias dos povos africanos e afrodescendentes.

Portanto, para que uma sociedade se torne menos racista e mais igualitária é necessário um esforço que envolva ações entre a educação e a sociedade de modo geral. O ambiente educacional, sobretudo a sala de aula é o espaço para que essas ações se concretizem e as mudanças ocorram, pois trata-se de um espaço para aquisição de conhecimento, de discussão de ideias e um meio onde se constroi novos saberes. Portanto, é possível caminharmos em busca da superação do racismo e do preconceito que assola a nossa sociedade atualmente. É importante elencar que a luta contra a intolerância e o racismo religioso com as religiões de matrizes africanas é um processo contínuo que exige o envolvimento de toda a sociedade para transformar as estruturas e instituições que perpetuam tal prática.

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Patrício Carneiro. Entre Ataques e Atabaques: intolerância religiosa e racismo nas escolas. São Paulo: **Arché**. 2017.
- ADOLFO, Sérgio Paulo. O mito africano no cotidiano dos afro-brasileiros. **Sopros do silêncio**. Londrina: EDUEL, 2008.
- BARCELLOS, Mário César. Os orixás e o segredo da vida: lógica, mitologia e ecologia. 4^a Ed. Rio de Janeiro, **Pallas**, 2002.
- BRASIL. **Lei 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm. Acesso em: 12 dez. 2024.
- CANVA. Imagem de Orixás. Disponível em <<https://www.canva.com/>> Acesso em: 15 nov. 2024.
- CARYBÉ. Temas de Candomblé. Salvador. Livraria Turista, **Coleção Recôncavo**, n. 9, 1951.
- GÓIS, Aurino José. As religiões de matrizes africanas: o Candomblé, seu espaço e sistema religioso. **HORIZONTE-Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, p. 321-352, 2013.
- LÜHNING, Angela. **Fotografando Verger**. São Paulo, Companhia das Letrinhas, 2011.
- NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. Pólen Produção Editorial LTDA, São Paulo, 2023.
- OLIVEIRA, Romário Chaves. **Ensino de História e Religiosidade Afro-brasileira em Codó/MA: uma proposta didática a partir do gênero biográfico**. 2024.
- PARIZI, Vicente Galvão. **O livro dos Orixás**: África e Brasil. Porto Alegre: Editora Fi, 2020.
- PEREIRA, Raphael. Avaliação da Construção de Mapas SQA como Instrumentos Metodológicos no Desenvolvimento de uma Aula Baseada em Organizadores Prévios em um Curso de Formação Docente. **Anais do Seminário de Pesquisa e Produtividade da FESV e FESVV**, v. 2, n. 2, p. 31-41, 2020.
- PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do Axé**. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.
- PRANDI, Reginaldo. **Religião e sincretismo em Jorge Amado**. O universo de Jorge Amado. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, p. 46-61, 2009.
- PRANDI, Reginaldo; VALLADO, Armando (orgs.) . **Xangô, rei de Oiô**. Dos Yorubá ao candomblé Ketu: origens, tradições e continuidade. São Paulo: EDUSP, p. 141-160, 2010.
- SONNEWEND, B. *et al.* ENSAIO SOBRE A MITOLOGIA NO CANDOMBLÉ. 2016.
- VERGER, Pierre. **Orixás: deuses iorubas na África e no novo mundo**. São Paulo: Ed. Corrupcio, 1981.
- ZABALA, Antoni. **A prática educativa como ensinar**. Tradução: Ernani F. Rosa. Reimpressão 2010. Porto Alegre: Artmed, 1998.